

N.º 135

Julho a Dezembro 2010

Revista

de

Educação

Musical

apem associação portuguesa de educação musical



Propriedade e Administração

apem Associação Portuguesa de Educação Musical • Instituição de Utilidade Pública • Representante em Portugal da ISME - International Society for Music Education • Rua D. Francisco Manuel de Melo, 36-1.º D.º 1070-087 Lisboa, Tel. / Fax 21 38 68 101; Sítio web: www.apem.org.pt; Correio-e: educacaomusical@sapo.pt

Direcção da APEM Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação, Vasco Manuel Broco da Silva, Ana Catarina Andrade, António Ângelo Vasconcelos.

Directora Graça Boal Palheiros, Instituto Politécnico do Porto Conselho redactorial Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação Conselho científico Beatriz Ilari, Universidade Federal do Paraná • David Hargreaves, Universidade de Surrey, Roehampton, Londres • Elisa Lessa, Universidade do Minho • Graça Boal Palheiros • Graham Welch, Universidade de Londres.

Impressão MINHOGRÁFE. Artes Gráficas, Lda. – Braga
Tiragem 800 exemplares Periodicidade semestral
Preço por número 20,00 € Assinatura anual 35,00 €.

Registo no SRIP n.º 109959
N.º Depósito legal 88071/95

<i>Editorial</i>	4
<i>Estudos</i>	5
O impacto de <i>Sing Up</i> : avaliação baseada numa pesquisa independente (2007-2010) <i>Graham Welch, Evangelos Himonides, Jo Saunders, Ioulia Papageorgi</i>	5
Composição em Tempo Real: a anatomia de uma decisão <i>João Fiadeiro</i>	11
Aprender a ler música sem partitura <i>Cristina Brito da Cruz</i>	15
Aprender a música dançando: o caso específico das <i>Airs de mouvement</i> no século XVIII <i>Catarina Costa e Silva</i>	20
O som das histórias <i>Margarida Fonseca Santos</i>	24
O quadro interactivo na Educação Musical <i>Rui Melo</i>	27
<i>Projectos pedagógicos</i>	35
‘A música toma conta de mim’, um projecto educativo da Casa da Música <i>Graça Boal Palheiros, Sara Pinheiro e Vera Ferreira</i>	35
<i>Recensão</i>	43
Jorge Peixinho: Escritos e entrevistas Cristina Delgado Teixeira e Paulo Assis (coordenação) <i>Francisco Monteiro</i>	43
<i>Notícias</i>	45
<i>Centro de Documentação da apem</i>	58
<i>Colaboradores</i>	60
<i>Separata</i>	63
<i>Normas para apresentação de originais</i>	64

Editorial

Este número da Revista é dedicado ao Encontro Nacional da APEM de 2010 ‘*Aprendizagem musical: perspectivas práticas*’, realizado em Novembro, na Fundação Calouste Gulbenkian. Os textos incluem as duas conferências proferidas no Encontro, bem como descrições e reflexões sobre alguns dos workshops apresentados, em torno de processos de aprendizagem musical e propostas metodológicas de ensino da música.

Graham Welch e os seus colegas discutem uma investigação longitudinal que avalia o impacto do Programa Nacional de Canto ‘*Sing up*’, implementado pelo Governo, no Reino Unido. João Fiadeiro expõe os princípios fundadores e o modo operativo do seu método de ‘Composição em Tempo Real’. Aprender a ler música sem partitura é o percurso pedagógico defendido por Cristina Brito da Cruz, que realça a necessidade de se fazer música antes de se aprender a ler música. Aprender a música dançando é a proposta de Catarina Costa e Silva, que destaca a importância da prática conjunta de música e dança no período barroco. Margarida Fonseca e Santos lança o desafio de aliar as histórias ao som e à música, conferindo magia às palavras que contam. E Rui Melo descreve a magia do quadro interactivo, um recurso tecnológico que pode ser um instrumento muito útil em educação musical.

Nos Projectos Pedagógicos, Graça Boal Palheiros, Sara Pinheiro e Vera Ferreira descrevem ‘*A Música Toma Conta de Mim*’, um projecto do serviço educativo da Casa da Música, com a colaboração da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Nas Recensões, Francisco Monteiro dá-nos a conhecer o livro *Jorge Peixinho: Escritos e entrevistas*, que reúne textos do compositor, e foi coordenado por Cristina Delgado Teixeira e Paulo Assis, e publicado conjuntamente pelo Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical e a Casa da Música.

As Notícias incluem a conferência mundial e o seminário de investigação da ISME e o Relatório de Actividades da APEM revela a intensa actividade que temos continuado a desenvolver.

Na Separata, prosseguindo a publicação de obras de compositores portugueses, incluímos a peça *Amen*, para coro infantil, gentilmente cedida por Vasco Negreiros, a quem agradecemos. Dirigimos também uma palavra de agradecimento a todos os autores e colaboradores que contribuíram para este número, e renovamos o convite para futuras colaborações na Revista.

Graça Boal Palheiros

‘A Música Toma Conta de Mim’, um projecto educativo da Casa da Música

Graça Boal Palheiros, Sara Pinheiro e Vera Ferreira
gbpalheiros@ese.ipp.pt

Resumo

‘A música toma conta de mim’ é um dos projectos educativos da Casa da Música, realizado em colaboração com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESEPP), desde 2009. A finalidade do projecto é motivar as crianças para a música erudita ao vivo. As pessoas que assistem aos concertos aos sábados e domingos à tarde, podem deixar as suas crianças com monitores, durante o concerto. Apoiados por uma docente supervisora da ESEPP, estes futuros professores de música dinamizam sessões com actividades musicais e artísticas, sempre relacionadas com o tema e o repertório do concerto.

Este artigo descreve uma primeira avaliação do projecto, focando as suas finalidades, o seu potencial educativo, e algumas opiniões das crianças e seus familiares. Foram realizadas observações das sessões, avaliações das sessões pelos monitores e entrevistas breves às crianças. Os resultados indicam que a maioria das crianças estavam motivadas e participaram com gosto nas actividades. Os monitores estavam igualmente motivados e consideraram a experiência muito positiva, pela oportunidade de aprenderem repertório musical, e pelas diferentes perspectivas adquiridas num contexto educativo não escolar. Os aspectos menos positivos relacionam-se com a oferta algo irregular do serviço e a sua abrangência relativamente limitada. No entanto, destaca-se o potencial educativo do projecto e o valor pedagógico das estratégias de motivação das crianças para a música.

Aprender música erudita na sala de concertos

A audição musical ocupa um lugar importante na aprendizagem musical das. A corrente de apreciação musical do início do séc. XX advogava a necessidade de uma audição guiada e os educadores musicais têm realçado o desenvolvimento de competências de audição, e proposto teorias e metodologias para ensinar as crianças a ouvir e apreciar a música (Elliott, 1995; Haack, 1992; Swanwick, 1979; Wuytack, 1971). O repertório de música erudita ocidental continua a ocupar um lugar de destaque na escola, sobretudo devido à formação dos professores de música. Nas aulas de educação musical ouve-se música gravada, mas por vezes os alunos assistem a concertos fora da escola ou os músicos visitam as escolas.

A preocupação em educar musicalmente o público jovem e adulto, para ouvir e compreender a música erudita tocada ao vivo, já existia no início do século XX, tendo-se publicado guias para o ouvinte dos concertos (e.g. Scholes, 1919). Nos Estados Unidos, afirmava-se a importância dos concertos para crianças e jovens promovidos pelos serviços educativos das orquestras, com vantagens para estas últimas: construir novos públicos e justificar o apoio financeiro recebido da comunidade (Grant & Hettinger, 1940). São bem conhecidos os ‘Concertos para jovens’ e suas famílias, realizados pelo maestro Leonard Bernstein com a Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, e a subsequente edição de livros e dos concertos gravados em vídeo (cf. Bernstein, 1962). Recentemente, as iniciativas deste tipo multiplicam-se, pelo menos nos países ocidentais. Muitas orquestras, casas de concertos, teatros, fundações e outras instituições culturais dispõem de serviços educativos, que promovem inúmeras actividades musicais

e pedagógicas, dirigidas a crianças e jovens, sendo hoje os ‘concertos didácticos’ uma prática comum em instituições musicais (cf. Lessa & Rodrigues, 2006). A tendência internacional de cultivar públicos verifica-se também em países não ocidentais, como a Índia (Rao, 2009), e em outras artes, pois os serviços educativos dos museus promovem o gosto pelas artes plásticas, através de visitas guiadas e actividades criativas. Esta educação artística e musical alarga-se cada vez mais fora dos espaços habituais, tentando abranger diversos públicos e contextos, como pessoas particularmente fragilizadas, em hospitais, lares ou estabelecimentos prisionais (Rodrigues, 2008). Esta prática parece reflectir um alargamento das funções da música erudita, de uma função de apreciação, dirigida a um público mais especializado ou escolar, a uma função social e terapêutica. A democratização do acesso à música, traduzida na crescente acessibilidade dos ouvintes à música gravada, parece ser acompanhada por uma maior democratização na oferta de música ao vivo.

No entanto, alguns estudos indicam que os jovens britânicos e norte-americanos estão menos motivados para frequentar concertos de música clássica, em comparação com gerações anteriores. A frequência diminuiu, apesar do aumento geral do seu nível de formação (Kolb, 2001). A possível redução de público no futuro constitui um desafio para a música clássica ao vivo, se queremos ter novas gerações nas salas de concertos (Cantell, 2009). As razões para a baixa motivação dos jovens podem ser superficiais ou extrínsecas (desconhecimento, falta de tempo, difícil acessibilidade, preço elevado dos bilhetes), mas também mais profundas ou intrínsecas. Entre estas, destacam-se questões de identidade pessoal e social: interesses e preferências musicais dos jovens e dos seus pares e amigos; elevado estatuto social da música e dos músicos clássicos e as percepções dos jovens sobre este estilo musical; características e ambiente próprios da sala de concertos, exigindo determinados modos de ouvir música, diferentes dos modos de ouvir que são comuns entre os jovens (Boal Palheiros & Hargreaves, 2003); maneira formal de apresentar a música, que não corresponde à sua maneira informal e espontânea de ocupar o seu tempo livre (Cantell, 2009).

A razão pela qual as orquestras dedicam tanto esforço em promover a música clássica e educar o público jovem é sobretudo a de construir novos públicos. Por exemplo, a Orquestra de Cleveland, Ohio, Estados Unidos, na sua ‘missão educativa’, oferece aos professores ferramentas para ‘integrar a música na sala de aula e na vida de milhares de crianças’ (The Cleveland Orchestra). A educação permanece uma palavra-chave: a investigação indica que quanto mais educação uma pessoa possui, mais interesse terá em participar em actividades culturais. Assim, os profissionais da música têm a tarefa de motivar as crianças e os jovens a frequentarem as salas de concertos (Cantell, 2009). A frequência dos concertos pelas crianças depende dos seus professores e familiares, sendo este o tema do projecto educativo, que passamos a descrever, focando sobretudo questões pedagógicas.

Uma avaliação do projecto educativo

‘A Música Toma Conta de Mim’

‘A Música Toma Conta de Mim’ (MTCM) é o sugestivo título de um dos projectos educativos da Casa da Música, no Porto, criado no âmbito do evento ‘Porto, Capital Europeia da Cultura’, em 2001¹. O projecto foi retomado em 2009, quando o coordenador do Serviço de Acolhimento da Casa da Música, Francisco Pires, propôs a ideia à primeira autora. Um protocolo foi então celebrado com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESEPP), ficando responsáveis, Alexandre Santos, coordenador da Programação da Casa da Música, e Graça Boal Palheiros, docente da ESEPP. A finalidade do projecto é motivar as crianças dos 3 aos 10 anos de idade para a música erudita ao vivo. As crianças, cujos familiares assistem aos concertos aos sábados e domingos das 18 às 20 horas, podem frequentar uma oficina orientada por monitores. Apoiados por uma docente supervisora da ESEPP, os

¹ O título do projecto é da autoria de Regina Guimarães.



futuros professores de música dinamizam actividades musicais e artísticas, relacionadas com o tema e o repertório do concerto. O serviço, sujeito ao pagamento de uma entrada, é aberto também a outras crianças, sendo anunciado junto aos concertos que lhe estão associados².

Metodologia

Esta primeira avaliação do projecto abarca a sua fase inicial, realizada de Fevereiro a Junho de 2009, em 13 concertos/sessões. Discutem-se os seus objectivos, implementação e potencial educativo, bem como a receptividade das crianças e suas famílias. A metodologia incluiu diversas formas: análise das finalidades e dos fundamentos pedagógicos do projecto; entrevista breve informal ao responsável; observação das sessões e respectivas planificações; entrevistas breves às crianças no final da sessão; inquéritos aos familiares; avaliação dos monitores.

Resultados e discussão

Características e finalidades educativas do projecto

O Serviço Educativo da Casa da Música é ‘uma porta aberta a todos os que desejam uma vivência musical plena’, através de ‘iniciativas inovadoras e largamente participadas’ que ‘pela diversidade de propostas [...] tem merecido o reconhecimento público ao nível nacional e internacional’ (Casa da

² **A Música Toma Conta de Mim, 17h30 | € 5.**

Oficina de descoberta musical para crianças dos 3 aos 10 anos, A Música Toma Conta de Mim decorre em simultâneo com os concertos de sábados e domingos, ao final da tarde, na Sala Suggia. As crianças – tenham ou não familiares ou outros educadores a assistir ao concerto – têm a oportunidade de desenvolver actividades de natureza lúdica e criativa em cada sessão desta oficina que apresenta características únicas por se centrar no programa do concerto agendado para o dia.

Música, 2010:9). ‘A Música toma conta de mim’ é apresentada como ‘uma oficina de descoberta musical para crianças’, com actividades de ‘natureza lúdica e criativa, que permitem ouvir, fazer e fruir a música de um modo estimulante’ (p. 109). Uma análise das finalidades do projecto permite algumas reflexões.

- *A oferta é universal: todas as crianças têm acesso às sessões, tenham ou não familiares a assistir ao concerto.*

A acessibilidade das crianças depende sobretudo das pessoas que frequentam a Casa da Música, em particular, os concertos de música erudita. Um estudo realizado em 2001 refere que as actividades culturais dos tempos livres dos portugueses estão associadas a um nível elevado de estatuto social, económico e educativo (Gomes, 2001). Anualmente, apenas 30,7% dos portugueses jovens e adultos (com mais de 15 anos de idade) frequentam espectáculos, e apenas 4,9% frequentam concertos de música clássica/erudita (Neves, 2001). Estas práticas culturais estão associadas a áreas geográficas urbanas, à idade jovem e a um nível de educação mais elevado. Assim, a abrangência do serviço MTCM pode estar limitada a um grupo com um estatuto socio-económico elevado e, por isso, restrito. Por outro lado, o serviço está disponível em apenas alguns concertos e esta oferta irregular não favorece a habituação dos utentes. A limitação da oferta poderia ser parcialmente superada através de uma ampla divulgação do serviço, o que não tem sido conseguido. A divulgação tem sido bastante reduzida, quer nos meios de comunicação social, quer junto do público habitual dos concertos, o que poderá dever-se à implementação recente e ao carácter experimental do serviço, sendo desejo dos responsáveis aumentar a eficácia da sua divulgação. No entanto, permanece a limitação inerente à própria sala de concertos. Embora a Casa da Música pretenda ser a ‘Casa de todas as músicas’ (Casa da Música, 2009) e a sua programação pretenda abranger públicos de idades e grupos sociais diversos, o seu prestígio social pode levar a uma percepção da população em geral, como sendo um espaço pouco acessível.

- *O serviço associado aos concertos permite às crianças e suas famílias desfrutar em conjunto, embora de forma diferenciada, das actividades da Casa da Música.*

Este serviço possui um grande valor educativo, destacando-se a sua originalidade. De facto, não se trata de concertos para escolas, que os alunos frequentam com os seus professores, nem de concertos para famílias, como tantas orquestras, e também a Casa da Música, oferecem. Neste serviço privilegia-se sobretudo o estímulo das actividades e a interacção social que se espera que ocorra entre as crianças e as suas famílias, depois do concerto. Juntos, podem partilhar opiniões e aprendizagens sobre uma experiência musical semelhante, de diferentes pontos de vista, o que é particularmente interessante para crianças pequenas, para quem os pais são uma referência fundamental no desenvolvimento de preferências musicais.

- *As actividades musicais de cada sessão incidem sempre sobre o conteúdo de cada concerto: tema, repertório e intérpretes.*

Em concertos didácticos, tocam-se habitualmente repertórios adequados ao público jovem, com obras mais conhecidas ou de mais fácil compreensão. Este serviço aborda o repertório inserido na programação da temporada, que inclui música familiar, mas também obras menos conhecidas do público. O facto de as actividades incidirem sobre o tema e o repertório do concerto confere a cada sessão ‘um conteúdo único e irrepetível’ (Santos, 2009). Assim, a dificuldade e a variedade do repertório colocam desafios muito interessantes na planificação das actividades, aumentando o valor da componente pedagógica do projecto.

- *Sempre que possível, de acordo com o programa do concerto, as crianças assistem a uma obra na Sala Suggia, com duração aproximada de 10 a 15 minutos.*

Este é também um aspecto muito positivo, pois as crianças podem desfrutar da experiência musical ao vivo no auditório onde estão as famílias, mas na companhia das outras crianças e dos monitores.

O tempo deve ser curto, de acordo com a capacidade de permanecerem em silêncio, atentas e concentradas. Assim, para além das outras actividades, as crianças têm também a oportunidade de entrar no espaço musical dos adultos e sentir o ambiente característico da sala de concertos, esperando-se que esta experiência suscite uma forte motivação nas crianças, para mais tarde frequentarem concertos.

- *As crianças podem também explorar as diversas instalações interactivas existentes na Casa da Música (como Sound = Space, ou composição musical assistida por computador).*

Esta possibilidade, destinada a despertar nas crianças o interesse pela Casa da Música e o gosto pelos espaços e actividades fora do auditório, permite variar as sessões e dividir os grupos, de acordo com os interesses das crianças.

- *Oficinas orientadas por monitores e supervisores, devidamente habilitados e preparados.*

A componente pedagógica é um dos pontos mais fortes do projecto, pois os monitores preparam, realizam e avaliam as oficinas cuidadosamente, sob a orientação da professora supervisora. Deste modo, pretende-se assegurar a qualidade do serviço e simultaneamente alargar o âmbito da formação pedagógica dos futuros professores, numa cooperação benéfica para ambas as instituições.

Perfil das crianças participantes no projecto e dos seus familiares

Nas 13 oficinas da primeira fase do projecto participaram 2 a 8 crianças por sessão (número médio de 5,2), um número relativamente baixo. As suas idades, de 2 a 9 anos, concentraram-se sobretudo entre os 2 e os 5 anos, e a composição dos grupos por género foi bastante regular. Muitos são irmãos ou amigos, e alguns são filhos dos músicos da orquestra ou do pessoal da Casa da Música. Todos os pais são de classe média ou média alta, têm um nível elevado de formação (no mínimo, uma licenciatura) e estão especialmente interessados na música clássica. Inscreveram os seus filhos pela possibilidade que o serviço oferece de as crianças assistirem a uma parte do concerto, contactarem com a música e visitarem a Casa da Música.

Os familiares tomaram conhecimento do serviço MTCM sobretudo através do site da Casa da Música e da programação que recebem mensalmente via *e-mail*, e alguns, através da bilheteira.

O número pequeno de crianças é natural, tratando-se de um serviço recente, irregular e com pouca divulgação. Na entrevista ao responsável, não ficou clara a razão da selecção dos concertos associados ao serviço MTCM. Não existindo dados demográficos sobre os públicos que os frequentam, é difícil escolher com fundamento.

Quanto à idade das crianças, talvez fosse aconselhável reduzir a idade máxima para frequentar as sessões para 8 anos, dado que as crianças a partir de 9-10 anos podem facilmente assistir ao concerto com a família. A mistura de idades talvez dificulte a sessão, pois algumas crianças mais velhas poderão considerar certas actividades algo infantis. Todavia, durante as sessões conseguiu-se um equilíbrio bastante bom entre as diferentes idades. O tamanho pequeno dos grupos também teve a vantagem de se poder dar às crianças uma atenção mais individualizada.

Planificação das oficinas

A supervisão foi essencial na planificação e implementação das oficinas, porque os monitores tinham pouca experiência pedagógica e o contexto educativo das oficinas é muito diferente do contexto escolar, onde realizam estágios. Na educação musical na sala de aula há continuidade nos conteúdos e actividades e nas relações entre professor e alunos. Pelo contrário, cada sessão de MTCM é única e independente das restantes, podendo ser frequentada por crianças diferentes, que não se conhecem. O número e a idade das crianças são variáveis e só são conhecidos pouco antes do início da sessão. Estas características exigem uma planificação meticulosa, bem como uma grande flexibilidade na sua

implementação. As actividades são planificadas com antecedência, para dar tempo a reformulá-las. O processo consiste em escolher a obra que as crianças vão ouvir ao vivo e as outras obras a abordar; ouvir as músicas, estudar as notas de programa e as partituras; e preparar actividades adequadas às crianças. Como os monitores desconhecem algum repertório dos concertos, esta planificação exige uma preparação específica, constituindo para eles uma aprendizagem relevante.

As actividades fundamentam-se na abordagem pedagógica ‘Audição musical activa’, proposta por Wuytack para ensinar crianças e jovens sem treino musical a ouvir e compreender a música erudita, considerando as suas dificuldades em focar a atenção na complexidade da música (Wuytack, 1971). A audição ‘activa’ implica: a participação física e mental do ouvinte, através da interpretação de elementos musicais da obra, antes de a ouvir; a atenção focada durante a audição, para reconhecimento dos elementos previamente interpretados; a audição da obra ou do excerto várias vezes, para o ouvinte poder analisar e compreender a música (Wuytack & Boal Palheiros, 1995). A investigação refere as vantagens de estratégias activas para facilitar a audição musical. Estar activo durante e antes da audição aumenta a atenção e a concentração das crianças na música (Boal Palheiros & Wuytack, 2006). Realizar movimento corporal durante a audição aumenta a compreensão e a apreciação musical, sobretudo em crianças pequenas (Shiobara, 1994). E um estudo comparando apresentações diferentes de música orquestral – auditiva, com o vídeo da interpretação, e com um vídeo animado – concluiu que as respostas cognitivas dos jovens eram mais elevadas na apresentação do vídeo da interpretação (Geringer *et al.*, 1997).

Implementação das oficinas

Antes do concerto, é feita uma lista com os nomes e idades das crianças e os contactos dos seus familiares. A partir das 17.30, dois monitores recebem as crianças e os seus familiares no *hall* da Casa da Música e levam as crianças para uma sala ampla, onde a oficina tem lugar. A recepção é importante, para dar confiança aos familiares. Geralmente, as crianças adaptam-se bem, incluindo algumas mais pequenas, que por vezes não querem separar-se dos pais, mas que rapidamente se integram no grupo. A sala está equipada com almofadas, mesas pequenas, materiais de artes plásticas, instrumental Orff (xilofones, metalofones, jogos de sinos e pequena percussão), aparelhagem áudio e um plasma, que transmite o concerto, em vídeo interno. As actividades iniciam-se com a apresentação dos monitores e das crianças. Para além da supervisora, que orienta e também pode participar na sessão, está presente um jovem da ‘frente de casa’, que acompanhará as crianças ao auditório. No final da sessão, as crianças levam um desenho ou uma pintura que fizeram, para oferecerem aos pais. São também convidadas a comentar sobre a sua experiência, e quando são recebidas pelos familiares no *hall* da Casa, há sempre lugar para uma breve troca de impressões. Ambos os momentos constituem instrumentos importantes de reflexão e avaliação, para os monitores e a supervisora.

As oficinas, sempre relacionadas com o concerto, são fundamentadas na ‘audição musical activa’, que propõe actividades musicais e artísticas associadas à música, por exemplo: cantar um tema da obra, ou executar o seu ritmo, em palmas ou percussão; dirigir a música; improvisar movimento e dançar ao som da música; desenhar imagens relacionadas com o tema da música ou os instrumentos da orquestra; dramatizar cenas da música; representar personagens da obra, com marionetas ou fantoches; contar histórias sobre a música e o compositor; realizar jogos musicais. As crianças também podem assistir a uma parte do concerto no vídeo interno, visualizar imagens do compositor e da época, ouvir um tema tocado pelos monitores, ou observar e experimentar tocar instrumentos da orquestra. As actividades e estratégias utilizadas são bastante adequadas à idade das crianças e ao carácter lúdico das sessões, com muitos jogos divertidos e motivadores. Para manter o interesse das crianças, cada actividade dura apenas alguns minutos e cada sessão oferece actividades diversas, privilegiando-se as práticas em

grupo. Algumas actividades comuns a várias sessões foram: imaginar que o grupo é uma orquestra, com uma criança de cada vez como maestro dirigindo a música, enquanto as outras mimam tocar o seu instrumento; desenhar e pintar os instrumentos da orquestra e colocá-los no lugar exacto; improvisar movimentos livres e dançar, enquanto ouvem. Outras actividades foram mais específicas do concerto, por exemplo: quando foi tocado um concerto para violino, conheceram de perto e experimentaram tocar um violino. Durante as sessões, observou-se que as crianças estavam motivadas e participavam bastante, e o tempo parecia passar rapidamente. Quando por vezes, algumas já não queriam participar, os monitores propunham uma actividade diferente.

Um momento muito importante da oficina é a audição de uma obra (ou parte da obra) na Sala Suggia, nas últimas filas da plateia, ou num camarote, conforme a disponibilidade da sala. A obra é escolhida previamente, de acordo com a sua duração e ordem de apresentação no concerto, ocorrendo geralmente no princípio da segunda parte, para não incomodar o público.

Sabemos que os modos de ouvir variam segundo o tipo de música e o contexto (Becker, 2001). Quando se toca música erudita na sala de concertos, espera-se que os ouvintes estejam em silêncio, o que nem sempre é compatível com a natureza das crianças e os seus modos de ouvir (Boal Palheiros & Hargreaves, 2003). No entanto, os comentários das crianças indicam que a maioria ficou impressionada positivamente pelo ambiente característico da sala de concertos. Conseguiram concentrar-se nos instrumentos da orquestra, no maestro e nos músicos. Os mais pequenos tinham dificuldade em permanecer sentados em silêncio e concentrar-se, o que é natural. No entanto, embora nem sempre tenha sido fácil, este objectivo foi conseguido.

Conclusão

A maioria das crianças participou em apenas uma ou duas sessões, por indisponibilidade do serviço ou dos próprios familiares. Esta falta de continuidade não permitiu uma observação mais sistemática dos possíveis efeitos das oficinas na motivação das crianças para a música (naturalmente, alguns efeitos só serão visíveis a longo prazo). Segundo os dez familiares inquiridos, a maioria das crianças gostaram da sessão, aprenderam e participaram com prazer nas actividades, tendo alguns realçado a atenção dada pelos monitores. Todos afirmaram terem dialogado com as crianças após o concerto, destacando o interesse de um programa comum. Alguns familiares sugeriram mais tempo para as crianças assistirem ao concerto, e também o contacto com os instrumentistas. No geral, os comentários foram bastante positivos, mostrando todos a intenção de continuar a usufruir do serviço.

Cada sessão foi planificada cuidadosamente, com bastante flexibilidade para ir ao encontro das características únicas de cada grupo de crianças. Esta talvez seja a maior dificuldade, mas constitui também o maior desafio pedagógico do projecto: de acordo com a idade e os interesses das crianças, os educadores têm que adaptar a planificação inicial, para manterem as crianças motivadas (Boal Palheiros, 2009). Um aspecto positivo a destacar foi a relação interpessoal estabelecida entre os monitores e as crianças e a sua atitude de entusiasmo pela música, que pareceu influenciar bastante a motivação das crianças. Os monitores tiveram algumas dificuldades nas primeiras sessões, devidas à sua inexperiência num contexto educativo não escolar. No entanto, consideram que ao longo das sessões, aprenderam repertório musical, frequentaram mais concertos, melhoraram competências pedagógicas de planificação e implementação e adquiriram novas perspectivas de educação musical, o que tornou a experiência neste projecto, significativa e gratificante.

Referências bibliográficas

- Becker, J. (2001). Anthropological perspectives on music and emotion. In P. N. Juslin & J. A. Sloboda (Eds.), *Music and emotion. Theory and research* (pp. 135-160). Oxford: Oxford University Press.
- Bernstein, L. (1962). *Young people's concerts*. New York: Simon and Schuster.
- Boal Palheiros, G. & Hargreaves, D. J. (2003). Modos de ouvir música em crianças e adolescentes. *Cuadernos Interamericanos de Investigación en Educación Musical*, II(5), 4, 5-16.
- Boal Palheiros, G. & Wuytack, J. (2006). Effects of the 'musicogram' on children's musical perception and learning. In M. Baroni, A. R. Adessi, R. Caterina & M. Costa (Eds.), *Proceedings of the 9th Conference on Music Perception and Cognition*, 1264-1271. Bologna: University of Bologna.
- Boal Palheiros, G. (2009). Motivating children for music in the concert hall. *3rd World Forum on Music, International Music Council*, Tunis, October 17-22.
- Cantell, T. (2009). Discussions on visitors and non-visitors of classical and ethnic European music concerts. *3rd World Forum on Music, International Music Council*, Tunis, October 17-22. http://www.imccim.org/index.php?option=com_content&task=view&id=294&Itemid=1
- Casa da Música (2009). *Programação*. Porto: Casa da Música.
- Casa da Música (2010). *Serviço Educativo*. Porto: Casa da Música.
- Elliott, D. J. (1995). *Music matters*. New York: Oxford University Press.
- Geringer, J. M., Cassidy, J. W. & Byo, J.L. (1997). Nonmusic majors' cognitive and affective responses to performance and programmatic music videos. *Journal of Research in Music Education*, 45(2), 221-233.
- Gomes, R. T. (2001). Práticas culturais dos portugueses (1): actividades de lazer. *Folha do Observatório das Actividades Culturais*, 2, 1-12.
- Grant, M. & Hettinger, H. S. (1940). *America's Symphony Orchestras and how they are supported*. New York: W. W. Norton & Company.
- Haak, P. (1992). The acquisition of music listening skills. In R. Colwell (Ed.), *Handbook of research on music teaching and learning* (pp. 451-465). New York: Shirmer Books.
- Kolb, B. M. (2001). The effects of generational change on classical music concert attendance and orchestra's responses in the UK and US. *Cultural Trends*, 41, 1-35.
- Lessa, E. & Rodrigues, A. S. (2006). À Descoberta da Música: os concertos didácticos. *Revista de Educação Musical*, 126, 31-36.
- Neves, J. S. (2001). Práticas culturais dos portugueses (2): espectáculos ao vivo. *Folha do Observatório das Actividades Culturais*, 3, 1-8.
- Rao, S. (2009). Indian art music and the changing audiences worldwide. *3rd World Forum on Music, International Music Council*, Tunis, October 17-22. http://www.imc-cim.org/index.php?option=com_content&task=view&id=294&Itemid=1
- Rodrigues, P. (2008). O Serviço Educativo da Casa da Música. *Revista de Educação Musical*, 130, 58-64.
- Santos, A. (2009). Objectivos do Programa 'A música toma conta de mim'. Não publicado.
- Scholes, P. A. (1919). *The Listener's Guide to Music. With a Concert-goer's Glossary*. Oxford: Oxford University Press.
- Shiobara, M. (1994). Music and movement: the effect of movement on musical comprehension. *British Journal of Music Education*, 11, 113-127.
- Swanwick, K. (1979). *A basis for music education*. Windsor: NFER / Nelson.
- The Cleveland Orchestra. <http://www.clevelandorchestra.com/about/education/schools-and-teachers.aspx>. Consultado em Dezembro de 2010.
- Wuytack, J. & Boal Palheiros, G. (1995). *Audição musical activa*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.
- Wuytack, J. (1971). Activatiemiddelen bij het muziekbeluisteren. *Adem-Tijdschrift voor Muziekkultuur*, 7e jg., n.º 3.